

CAPÍTULO IV – Da cultura clássica a popular: novas opções para as crianças brasileiras do passado e do presente

John Milton

Em 8 de setembro de 1916, em carta endereçada a Godofredo Rangel, Lobato reclama das coleções de fábulas disponíveis no Brasil, que considera difíceis de ler, e apresenta sua ideia de escrever uma antologia de fábulas baseadas nas que Purezinha, sua esposa, contava a seus filhos.

Três anos mais tarde, em 13 de abril de 1919, novamente por meio de carta, apresenta a Rangel sua adaptação das *Fábulas* de La Fontaine, com a introdução de animais típicos da fauna brasileira e usando uma linguagem mais acessível do que a empregada por João Köpke em sua tradução.

Tive ideia do livrinho que vai, para experiência do público infantil escolar, que em matéria fabulística anda a nenhum. Há umas fábulas de João Köpke (sic), mas em verso [...] isto é, insultos e de não fácil compreensão por cérebros ainda tenros. Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos.¹⁴⁹

O livro *Fabulas de Narizinho* é publicado em 1921, com tiragem de 3.000 exemplares, contendo 26 fábulas ilustradas por Voltolino e introduzidas pela seguinte nota:

As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermediário delas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da

¹⁴⁹ Lobato, 1959, p. 193.

humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação.

Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece com esses elementos pequeninas tragédias donde resulte a “moralidade”, isto é, a lição da vida.

O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão.

O autor nada mais fez senão dar forma sua às velhas fábulas que Esopo, La Fontaine e outros criaram. Algumas são tomadas do nosso “folk-lore” e todas trazem em mira contribuir para a criação da fábula brasileira, pondo nelas a nossa natureza e os nossos animais, sempre que é isso possível.¹⁵⁰

Em sua segunda edição, publicada em 1922 com tiragem de 5.000 exemplares, o livro passou a se chamar *As fábulas* e passou a conter em suas 184 páginas 77 fábulas. Em 1925, saiu a terceira edição, com tiragem de 3.000 exemplares; em 1929, a quarta edição, com tiragem de 5.000 exemplares; em 1934, a quinta edição, com tiragem de 10.000 exemplares; em 1937, a sexta edição, com tiragem de 5.000 exemplares, e, em 1939, a sétima edição, com tiragem de 5.000 exemplares. Muitas das vendas foram para escolas públicas, com *As fábulas* sendo aprovado para distribuição nas escolas dos estados de São Paulo, Paraná e Ceará pelas Diretorias de Instrução Pública.

Um dos temas que perpassa *As fábulas* é a falsidade da nobreza e o caráter negativo das atitudes de superioridade e esnobismo, com o esnoberado sendo sempre penalizado. O vizinho de Dona Benta no Sítio do Picapau Amarelo, Coronel Teodorico, é o exemplo que Dona Benta e as crianças sempre citam. Em “Tolice de Asno”¹⁵¹, ele é comparado ao asno pedante que zurra e reclama para o burro de carga e, em “A Gralha Enfeitada com Penas de Pavão”¹⁵², ficamos sabendo que o Coronel Teodorico se comporta como a gralha que se enfeitou com as penas de pavão para ficar mais bonita: “O Coronel Teodorico vendeu a fazenda, ficou milionário e pensou que

¹⁵⁰ Lobato, 1921.

¹⁵¹ Lobato, 1962, p. 187.

¹⁵² Lobato, 1962, p. 22-23.

era homem da alta sociedade, dos finos, dos bem educados. E agora? Anda de novo, por aqui, sem vintém, mais depenado que a gralha. Por quê? Porque quis ser o que não era.”.

O capítulo “Pena de Papagaio”, de *As reinações de Narizinho*¹⁵³, conta como Peter Pan, invisível, visita o Sítio do Picapau Amarelo e leva os “picapauzinhos” para encontrar o Senhor de La Fontaine e Esopo enquanto estes observam os animais que vão fazer parte de suas fábulas. Este capítulo contém duas das histórias que fazem parte de *As Fábulas*. Uma delas, “A formiga coroca”¹⁵⁴, é “A Formiga Má”¹⁵⁵ com a intervenção de Emília, que pune a má formiga. A outra é “Os animais e a peste”¹⁵⁶, sem a crítica à Igreja Católica. Na nova versão, o burro é escolhido para ser sacrificado porque “tem os pés inchados” e não pode dar coices, porém, quando o tigre está pronto para estraçalhá-lo, Peninha, o invisível Peter Pan com uma pena de papagaio amarrada na testa, lança uma grande pedra contra o tigre, que foge.

Em “Os Dois Burrinhos”, o burro que carrega a bruaca de ouro esnoba o burro que carrega farelo, advertindo-o de que deve manter distância – por isso este não o ajuda quando ele é espancado e roubado. Então ele se dá conta de sua falsa superioridade: “Minha fidalguia estava toda dentro da bruaca e lá se foi nas mãos daqueles patifes. Sem as bruacas de ouro no lombo, sou uma pobre besta igual a você...”¹⁵⁷. Novamente, o mau comportamento é comparado ao do Coronel Teodorico, que, “Quando se encheu de dinheiro, arrotou grandeza; mas, depois que perdeu tudo nos maus negócios, ficou de orelhas murchas e convencido de que era realmente uma perfeita cavalgada.”¹⁵⁸.

Com *As fábulas*, as crianças podem aprender que a verdadeira riqueza não guarda qualquer relação com riqueza ou título de nobreza,

¹⁵³ Lobato, 1980.

¹⁵⁴ Lobato 1980, p. 174-176.

¹⁵⁵ Lobato, 1962, p. 12-14.

¹⁵⁶ Lobato, 1980, p. 180-182.

¹⁵⁷ Lobato, 1962, p. 104.

¹⁵⁸ Lobato, 1962, p. 105.

e Dona Benta cita os exemplos de Péricles e Sócrates, que os “picapauzinhos” já haviam conhecido na *História do mundo para crianças*: “Só enriquece quem adquire conhecimentos. A verdadeira riqueza não está no acúmulo de moedas, está no aperfeiçoamento do espírito e da alma. Qual o mais rico — aquele Sócrates que encontramos na casa de Péricles ou um milionário comum?”¹⁵⁹.

Outro exemplo aparece em “O gato vaidoso”, fábula em que a única diferença entre os dois gatos que a protagonizam é o fato de que um tem a sorte de morar em uma casa, onde vive em meio ao luxo. Neste caso, a moral é assim apresentada: “Quantos homens não transformaram em nobreza o que não passa de um bocado mais de sorte na vida!”¹⁶⁰. Dona Benta dá, então, o exemplo da verdadeira nobreza, que depende do esforço, como no caso de Madame Curie, que levou anos estudando para descobrir o rádio¹⁶¹. De fato, a inveja é apresentada como principal causa de boa parte dos problemas do mundo. Em “O Sabiá e o Urubu”, por exemplo, o urubu mata o sabiá só porque este canta bem, ou seja, por causa da inveja, e Dona Benta comenta: “A maior parte das desgraças do mundo vem da inveja, e creio que não há sentimento mais generalizado. A inveja não admite o mérito – e difama, calunia, procura destruir a criatura invejada.”¹⁶². Contudo, Emília dá exemplo contrário, parecendo até orgulhosa de ter sido nobre, ascendendo socialmente. Nasceu boneca de pano, muda e feia, mas agora “sou até ex-Marquesa”¹⁶³.

Em “O Lobo e o Cordeiro”, o lobo acusa o cordeiro de turvar a água que vai beber, mas o cordeiro bebe a água na jusante. Depois, o lobo acusa o cordeiro de ter falado mal de si no ano anterior, mas o cordeiro argumenta que ainda não era nascido. Então, o lobo diz que deve ter sido seu irmão mais velho; “mas sou filho único”, contradiz o cordeiro. O lobo continua: “então foi o pai ou o avô” e, sem aguardar

¹⁵⁹ Lobato, 1962, p. 23.

¹⁶⁰ Lobato, 1962, p. 162-163.

¹⁶¹ Cf. Lobato, 1962, p. 163.

¹⁶² Lobato, 1962, p. 61.

¹⁶³ Lobato, 1962, p. 17.

novo comentário, mata-o. Moral da história: “Contra a força não há argumentos.”¹⁶⁴.

Em “O Cavalo e o Burro”, o cavalo se recusa a ajudar o burro a carregar uma parte de seu fardo. O burro desmorona e, quando os tropeiros chegam, colocam todo seu fardo sobre o cavalo. Dona Benta comenta, então, que isso demonstra a falta de solidariedade por parte do cavalo e, com uma insólita referência a Deus, passa a mensagem cristã da fábula – a importância da solidariedade –, que comunica para os “picapauzinhos” nos seguintes termos: “É o reconhecimento de que temos de nos ajudar uns aos outros para que Deus nos ajude. Quem só cuida de si de repente se vê sozinho e não encontra quem o socorra. Aprendam.”¹⁶⁵. E a lição deve valer mesmo se considerando que, muito frequentemente, o trabalho seja feito em benefício alheio, conforme se vê, por exemplo, em “A Mosca e a Formiguinha”, em que a mosca “fidalgá” sempre aproveita a comida dos outros. A formiga trabalhadora, porém, considera-a uma parasita. No final da fábula, a mosca se encontra trancada dentro de casa sem nada para comer e morre de fome. A moral da história é que “Quem quer colher, planta. E quem do alheio vive, um dia se engasga.”¹⁶⁶. Essa, porém, não é a regra, conforme comenta o Visconde de Sabugosa: “Seria muito bom se fosse assim [...] Mas muitas e muitas vezes um planta e quem colhe é o outro...”¹⁶⁷.

Em “Os Animais e a Peste”, os animais precisam decidir qual deles será sacrificado para se livrarem da peste. O leão, a raposa e o tigre admitem os crimes que cometeram – matar animais desprezíveis –, mas o burro admite ter cometido apenas um crime: “A consciência só me acusa de haver comido uma folha de couve na horta do senhor vigário.”, de fato, bastante leve. Então a raposa intervém: “Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrível o que ele nos conta que é inútil prosseguirmos na investigação. A vítima a sacrificar-se aos deuses não pode ser outra, porque não pode haver crime maior do que furtar a

¹⁶⁴ Lobato, 1969, p. 137.

¹⁶⁵ Lobato, 1962, p. 141.

¹⁶⁶ Lobato, 1962, p. 100.

¹⁶⁷ Lobato, 1962, p. 99-101.

sacratíssima couve do senhor vigário.”. Neste caso, que dá ensejo a mais uma crítica à instituição católica, a moral da história é: “Aos poderosos tudo se desculpa; aos miseráveis nada se perdoa.”. De acordo com o comentário de Dona Benta, esta fábula “Retrata as injustiças da justiça humana. A tal justiça é implacável contra os fracos e pequeninos — mas não é capaz de pôr as mãos num grande, num poderoso”¹⁶⁸. Além de realçar a sátira religiosa, presente na gravidade do crime do burro ao comer uma folha de couve do vigário, encontramos aqui uma crítica a todas as instâncias que exercem o poder sobre os mais fracos e desprotegidos.

Por meio de *As fábulas*, as crianças também aprendem que a esperteza é a única arma dos fracos. Em “As Aves de Rapina e os Pombos”, quando as águias, abutres e gaviões estão brigando entre si, não atacam as aves pacíficas da terra, mas, quando elas enviam uma pomba para fazer as pazes entre todos, cometem uma chacina contra as pombas. Pedrinho, então, percebe a falha: “Dividir é enfraquecer”¹⁶⁹.

Em “Pau de Dois Bicos”, o morcego entra no ninho da coruja e consegue se salvar alegando ser também uma ave e, no casebre do gato-do-mato, salva-se alegando ser também um animal de pelo. O segredo, então, é concordar com quem tem o poder. Neste caso, a moral é: “É vermelho? Tome vermelho. É branco? Tome branco.”¹⁷⁰ – inclusive nas histórias populares contadas em *Histórias de Tia Nastácia*, que comentaremos a seguir, a esperteza é apresentada como essencial à sobrevivência, de acordo com Dona Benta: “a maioria das histórias revela sempre uma coisa: o valor da esperteza. Seja o pequeno Polegar, seja a raposa, seja um macaco como este do aluá, o esperto sempre sai vencedor. A força bruta acaba perdendo – e isto é uma das lições da vida.”¹⁷¹.

As fábulas também reforçam a situação do Sítio do Picapau Amarelo enquanto ilha de liberdade, democracia e felicidade dentro de um mundo hostil, conforme se nota em “O Cão e o Lobo”, fábula em

¹⁶⁸ Lobato, 1962, p. 92.

¹⁶⁹ Lobato, 1962, p. 67.

¹⁷⁰ Lobato, 1962, p. 165.

¹⁷¹ Lobato, 1974c, p. 85.

que o lobo prefere a liberdade, embora por vezes passe fome, a viver acorrentado, como vive o cão. Os “picapauzinhos”, porém, são apresentados como seres que não passam fome e têm toda a liberdade possível:

“Vocês sabem tão bem o que é a liberdade que nunca me lembro de falar disso”.

“Nada mais certo, vovó” gritou Pedrinho. “Este seu sítio é o suco da liberdade: e se eu fosse refazer a natureza, igualava o mundo a isto aqui. Vida boa, vida certa, só no Picapau Amarelo”.

“Pois o segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é as coleiras. E como há coleiras espalhadas pelo mundo.”¹⁷²

A última fábula do livro foi renomeada por Lobato como “Liga das Nações”, mas, tal como a própria Liga das Nações fracassara, fracassa quando a onça se apodera dos quatro pedaços do veado, não os dividindo com o gato-do-mato, a jaguatirica e a irara, demonstrando, assim, como as nações mais fortes podem facilmente dominar as mais fracas. Isso leva o Visconde a tecer a conclusão que encerra o livro:

Na minha opinião, as fábulas mostram só duas coisas: 1^ª.) que o mundo é dos fortes; e 2^ª.) que o único meio de derrotar a força é a astúcia. Essa da Liga das Nações, por exemplo. Os animais formaram uma liga, mas que adiantou? Nada. Por quê? Porque lá dentro estava a onça, representando a força, e contra a força de nada valeram os direitos dos animais menores. Bem que a irara fez ver o direito dos animais menores. Mas nada conseguiu. A onça respondeu com a razão da força. A irara errou. Em vez de alegar direito, devia ter recorrido a uma esperteza qualquer. Só a astúcia vence a força. Emília disse uma coisa muito sábia em suas Memórias...¹⁷³

Como se pode perceber, além de apresentar uma moral para cada história, *As fábulas* também trazem informações sobre

¹⁷² Lobato, 1962, p. 87.

¹⁷³ Lobato, 1962, p. 194-195.

vocabulário e História. Como em todas as suas recontagens, Lobato aproveita Dona Benta para estender o vocabulário e conhecimento geral dos “picapauzinhos”. Em “A Coruja e a Águia”¹⁷⁴, por exemplo, ao responder uma pergunta a Pedrinho, Dona Benta explica a diferença entre o que a gramática e o povo dizem sobre “mostrengo”. Em “Burrice”¹⁷⁵, ela emprega a expressão “passar a vau”, para a qual Pedrinho pede explicação. Esta expressão significa “vadear um rio”, explica Dona Benta. Só para termos mais um exemplo, em “Tolice de Asno”¹⁷⁶, ela fornece explicações sobre o poeta Bocage e o conceito de “agudeza”.

Ainda na área linguística, Lobato fez várias mudanças no texto entre uma edição e outra, tentando chegar a uma linguagem mais agradável e menos “literária”. Também lança mão de uma linguagem afetiva, usando diminutivos e onomatopeias como “mulinha”, “pastorzinho”, “Laurinha”, “vaquinha”, “fabulazinha”, “tique, tique, tique” “pum” e “plat” e usa gírias como “Justiça é pau” e “Deixa estar, seu malandro, que eu já te curo”. Por vezes, porém, Dona Benta usa uma linguagem mais formal, como em “Os Dois Burrinhos”, quando emprega dois vocábulos mais rebuscados e, à pergunta de Narizinho – “Então por que a senhora não diz logo ‘qualidade’ em vez de ‘naipe’ e ‘igualha?’” –, responde: “Para variar, minha filha. Estou contando estas fábulas em estilo literário, e uma das qualidades do estilo literário é a variedade.”¹⁷⁷

Em “O Galo que Logrou a Raposa”, Narizinho pensa que pillhou Dona Benta em um erro de caráter gramatical quando esta inicia uma fala com “você” e termina com “tu”. Ao responder á crítica, Dona Benta se refere à função da gramática, que deveria ser ferramenta para as pessoas, ao invés de dominá-las: “A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo – e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática.

¹⁷⁴ Lobato, 1962, p. 16.

¹⁷⁵ Lobato, 1962, p. 35.

¹⁷⁶ Lobato 1962, p. 188.

¹⁷⁷ Lobato, 1962, p. 104.

Se todos nós começarmos a usar tu e você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer...”¹⁷⁸.

Com relação ao conteúdo, conforme os exemplos acima demonstram, em *As fábulas* vemos claramente o apoio de Lobato ao mais fraco em um mundo pleno de parasitas e aproveitadores – membros da “nobreza”, em muitos casos –, assegurando que a verdadeira nobreza é a da superioridade intelectual e que, frequentemente, a única maneira de sobreviver é por meio da astúcia e da esperteza. Seus comentários e a moral apresentada ao fim de várias das *Fábulas* o posicionam claramente contra o opressor e a favor de uma sociedade igualitária, o que poderia lhe conferir certo caráter socialista. Neste ponto, cabe então a perguntar: Afinal, era Lobato comunista ou não? Stalinista? Talvez trotskista?

Sobre a ideologia de Lobato e sobre como esta era percebida por outras pessoas, recorremos ao interessante relato de Ênio Silveira descrevendo o enterro do escritor, ocorrido em 5 de julho de 1948, um dia após sua morte. Ao narrar como já aguardava no cemitério a multidão subir a Avenida da Consolação, Silveira diz que Lobato tinha bastante amigos entre os comunistas, mas também era espírita e comparecia às Sociedades Espíritas para fazer contato com seus dois filhos mortos. Além disto, também era barão rural e membro da aristocracia rural, e acrescenta:

Também [era] membro de uma Sociedade Agrícola de São Paulo, do Clube Piratininga e outras coisas que reuniam a aristocracia rural paulista. Era também bom escritor, portanto tinha a sua grei de escritor-jornalista. Ali, “namorava” também alguns trotskistas, que por isso o julgavam trotskista. Bom, então, esta fauna diversa, multifacetada, se reuniu ali, à beira do túmulo. Quando iam descer o corpo, um pouco antes, pediu a palavra arrebatadamente o Rossini Camargo, poeta, membro do partido:

– Camarada Lobato – era ditadura, o partido era ilegal –, estamos aqui, teus irmãos, não apenas para chorar por ti, mas para dizer que jamais morrerás, que estarás vivo na

¹⁷⁸ Lobato, 1962, p. 48.

consciência do povo, no coração do povo como batalhador, como um companheiro...

– Perdão, companheiro não! Lobato era trotskista – era o professor Phebus Gikovate. – Canalha, filho da puta...

Principiaram as cenas de pugilato, socos, caíram os dois, e rolaram no chão. O Gikovate e o Camargo Guarnieri caíram na cova aberta. Uma cena de filme de Fellini. Quando tiraram os dois, um sujeito do Clube Piratininga disse assim:

– Não, o senhor era da fina aristocracia, se tivéssemos ainda o Império, ele seria um nobre, nobre por dentro e por fora, Lobato...¹⁷⁹

Ou seja, ao que parece, Lobato despertava a admiração de membros das mais diferentes facções.

Voltando aos textos, percebemos que, enquanto *As fábulas* são muito bem aceitas pelos “picapauzinhos”, especialmente a Emília rejeita muitas das *Histórias de Tia Nastácia*, demonstrando preferência pela literatura canônica. Assim, embora Lobato enfatize o valor da opinião da criança frente à do adulto, sua posição com relação aos negros, às classes baixa e rural e aos contos orais parece condescendente, com Dona Benta, representante da classe branca letrada mantendo a autoridade. Porém, vejamos.

O livro *Histórias de Tia Nastácia* foi publicado pela primeira vez em 22 de novembro de 1937 pela Companhia Editora Nacional, pronto para o mercado de presentes de Natal. Somando-se esta à segunda edição, a tiragem foi de 10.009 exemplares. Em 1941, foi publicada a terceira edição, com tiragem de 5.040. A quinta edição, publicada em 1945, teve uma tiragem de 10.010. A partir da sexta edição, de 1947, o livro passou a ser publicado pela Editora Brasiliense, tendo uma sétima edição em 1949 e uma oitava em 1953¹⁸⁰. Todas as suas histórias – exceto as últimas, contadas por Dona Benta –, vêm do livro de Sílvio Romero (1851-1914) *Contos populares do Brasil*, uma coleção de contos de Sergipe, Pernambuco e Rio de Janeiro publicada

¹⁷⁹ Ferreira, 1992, p. 45.

¹⁸⁰ Cf. Silva, 2008, p. 384-385.

em 1885¹⁸¹. Seguindo a tradição do conto oral, Lobato reconta as histórias com suas próprias palavras, mudando os nomes das personagens e lugares (cf. Silva, 2008:382). Elas podem ser divididas em três grupos: histórias sobre reis e princesas, de origem europeia, com a maior parte vinda de Portugal; histórias sobre animais que têm algum traço psicológico marcante, de origem africana e indígena, e histórias diversas, narradas por Dona Benta, com origem em diferentes culturas – esquimó e da região do Cáucaso, da Pérsia, do Congo, da Rússia, da Islândia e do Rio de Janeiro¹⁸².

Neste livro, Tia Nastácia toma o palco para contar as histórias a Dona Benta, Pedrinho, Narizinho e Emília, porém elas não fazem tanto sucesso entre as personagens quanto as fábulas acima apresentadas, conforme aponta Marisa Lajolo:

Nos dois casos ela [Dona Benta] conta as histórias que lê em livros estrangeiros, e enquanto adulta e reconhecidamente mais experiente, narra de um espaço hegemônico em relação aos seus ouvintes. Já quando Tia Nastácia assume a posição de contadora de histórias, a relação de forças entre ela e sua audiência (a mesma das histórias de Dona Benta) é completamente outra. Tia Nastácia transfere para o lugar de contadora de histórias a inferioridade sociocultural da posição (de doméstica) que ocupa no grupo e além disso (ou, por causa disso...), por contar histórias que vêm da tradição oral não desempenha função de mediadora da cultura escrita, ficando sua posição subalterna à de seus ouvintes, consumidores exigentes da cultura escrita, como explicitou Narizinho na citação acima.¹⁸³

Conforme se pode notar no excerto acima reproduzido, Lobato se valeria dos comentários das personagens do Sítio para denunciar a disparidade entre o valor ocupado pela cultura letrada diante da – socialmente desvalorizada – cultura popular.

¹⁸¹ Cf. Silva, 2008, p. 380.

¹⁸² Cf. Silva, 2008, p. 379-380.

¹⁸³ Lajolo, 1998.

Emília, por exemplo, assume o papel de um impertinente crítico literário. De acordo com Raquel Afonso da Silva, “Em geral as críticas são negativas, criticam os pontos negativos, as partes desconexas, o *nonsense* das narrativas, julgam os enredos pobres, reclamam da recorrência de vários elementos, e criticam a pouca criatividade dos nomes”¹⁸⁴. Assim, para Emília, as histórias são “sem pé nem cabeça”: “Sabe o que me parece? Parece uma história que era dum jeito e foi se alterando de um contador para outro, cada vez mais atrapalhada, isto é, foi perdendo pelo caminho o pé e a cabeça”¹⁸⁵. Dona Benta concorda, explicando que foi exatamente por meio desse processo explicitado pela boneca que tais histórias foram sendo desenvolvidas. Os “picapauzinhos”, porém, não se entusiasmam: Eu (...) acho muito ingênua esta história de rei e princesa e botas encantadas, disse Narizinho. Depois que li *Peter Pan*, fiquei exigente. Estou de acordo com a Emília.”¹⁸⁶. Ao que Dona Benta retruca: “Vê, Nastácia, como está ficando este meu povinho? Falam como se fossem gente grande, das sabidas. *Democracia* para cá, *folclórico* para lá, *mentalidade...* Neste andar meu sítio acaba virando Universidade do Picapau Amarelo.”¹⁸⁷.

Em *Histórias de Tia Nastácia*, Dona Benta é colocada como representante da cultura letrada, enquanto Tia Nastácia é a representante da cultura popular – também em *Peter Pan* e *D. Quixote* Dona Benta é apresentada como intermediária do mundo ficcional¹⁸⁸.

Desempenhando bem seu papel, a própria Dona Benta demonstra insatisfação em relação às histórias populares:

Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir

¹⁸⁴ Silva, 2008, p. 376.

¹⁸⁵ Lobato, 1968, p. 23.

¹⁸⁶ Lobato, 1968, p. 17.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Cf. Lajolo, 1998.

as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda.”¹⁸⁹

Emília, a representante do crítico literário, é ainda mais direta: “O povo, coitado, não tem delicadeza, não tem finuras, não tem arte. É grosseiro, tosco em tudo que faz.”¹⁹⁰. “Coitado”, no sentido de digno de compadecimento, aparece, pois, como o melhor adjetivo para descrever a referida mais da metade da população brasileira da época, integrada por todas as etnias. E a boneca prossegue, pensando com prazer nos contos de algum verdadeiro artista que Dona Benta lhes contará: Oscar Wilde¹⁹¹, *Orlando Furioso*, de Ariosto¹⁹², e o recomendado *Mowgli, o menino lobo*, de Kipling – inserido a título de propaganda para a tradução de Lobato¹⁹³.

Vemos, então, um mundo cultural partido em dois: o literário e o popular, com os “picapauzinhos” pertencendo ao mundo letrado e Tio Barnabé e Tia Nastácia pertencendo ao velho mundo da oralidade. Dona Benta conhece o mundo da cultura popular, mas não tem uma ligação íntima com ele, sentindo-se parte do mundo literário. Lajolo aponta que “A diferença de recepções pode talvez ser atribuída ao fato de que as histórias que ambas contam tenham origem semelhante, [mas] a relação de cada uma destas narradoras com o material narrado, [sic] é diferente: Dona Benta não é usuária desta cultura, mas conhecedora dela: conhece-a de livro, e não de berço”¹⁹⁴.

De fato, Dona Benta, a representante da cultura letrada, apresenta uma opinião sobre a cultura popular característica de sua classe: “Dona Benta disse que *folk* quer dizer gente, e *lore* quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe de boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as

¹⁸⁹ Lobato 1968, p. 30.

¹⁹⁰ Lobato, 1968, p. 61.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² Cf. Lobato, 1968, p. 80.

¹⁹³ Cf. Lobato, 1968, p. 115.

¹⁹⁴ Lajolo, 1998.

anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc, e tal.”¹⁹⁵, conta Emília a Pedrinho.

A Liga Universitária Católica Feminina também desempenha bem seu papel ao enfatizar as impropriedades de *Histórias de Tia Nastácia*, apontando as leituras que Pedrinho, “um darwinista levado da breca”, faz do “pai” da teoria da evolução e o final da fábula da “Formiga e a Neve”, em que Deus responde à formiguinha: “Acaba com essa história e vai furtar. É por isso que vive sempre furtando, furtando.”¹⁹⁶.

A reação de Narizinho ao conto “O Bom Diabo”¹⁹⁷ também aponta para a posição laica em que Lobato se coloca, desconfiando da religião oficial. Ela afirma gostar muito das histórias que trazem o diabo como personagem e acrescenta que “todas elas confirmavam o dito popular de que o diabo não é tão feio como o pintam”¹⁹⁸. A reação de Tia Nastácia, que, como boa representante do povo brasileiro, crê em Deus, é se mostrar chocada: “Como é que uma menina de boa educação tem coragem de dizer isso do canhoto?”¹⁹⁹.

¹⁹⁵ Lobato, 1968, p. 7.

¹⁹⁶ Cavalheiro, 1955, p. 595-596 e Silva, 2008, p. 383.

¹⁹⁷ Lobato, 1968, p. 69-73.

¹⁹⁸ Lobato, 1968, p. 73.

¹⁹⁹ Idem.